

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 127

Data: 07.02.85 Pg.: _____

Resistência do Meaf pode ser fatal

A resistência do Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários (Meaf) — que tem como dirigente máximo o secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, general Danilo Venturini — em acatar a proposta do ministro do Interior, Mário Andreazza, de demarcar 148 mil e 600 hectares de terra para os índios Apinajé, do norte de Goiás, pode resultar num conflito armado de graves proporções. O pensamento é do chefe de Gabinete da Funai, Marcos Terena, e foi formulado após ter notícia de que o encontro entre os dois ministros, mantido durante todo o dia de ontem, foi ineficaz.

— Ou o Meaf e o Grupo Executivo de Terras Araguaia — Tocantins (Getat) decidem definir o quanto antes a área Apinajé, ou eles devem se dirigir até Tocantinópolis, área em litígio, para tentar acalmar os índios. A responsabilidade sobre qualquer vítima que possa surgir em razão do impasse provocado por aqueles órgãos governamentais, caberá exclusivamente a eles. A Funai não tem mais condições de sustar os ânimos daqueles índios, salientou Terena.

Segundo ele, tanto Meaf quanto Getat "ao invés de irem passear de helicóptero sobre a região, devem entender a gravidade da situação em que vivem índios e posseiros e decidir sobre a área". Terena fez uma alusão ao sobrevôo feito na última segunda-feira pelos representantes do Meaf e do Getat, coronel Benedito Sanches e coronel José Carneiro, no território disputado, quando estes se recusaram a descer para conversar com as lideranças indígenas locais.

Marcos Terena demonstrou, ainda, a grande preocupação que a Fundação Nacional do Índio tem, como um todo, em relação às 563 famílias de posseiros que ocupam as terras dos Apinajé, pois ao perceberem o iminente conflito algumas já começam a fugir do local sem terem onde se assentar.

— Os colonos estão se afastando sem que o Getat e o Meaf se preocupem com a situação deles. Não é isso que queremos. A Funai sempre foi enfática em afirmar que deseja resolver a questão dos índios, mas em contrapartida também tem verba para reassentar os posseiros, salientou.

Para alguns assessores do presidente do órgão tutelar, Nelson Marabuto, o Meaf e o Getat ao insistirem na demarcação de apenas 103 mil hectares, estão atendendo apenas aos interesses dos latifundiários e também a questões de ordem pessoal que não os permite "agir sobre pressão" e, "enquanto isso, muita gente poderá morrer".

Marcos Terena afirmou que os indigenistas que se encontram na área dos Apinajé, assim como os cacique Raoni, não conseguiram evitar a abertura demarcatória iniciada por conta própria pelos índios, nem tampouco suspender a interdição da rodovia Transamazônica, e alertou:

— Aquilo ali está um verdadeiro barril de pólvora. Existem pessoas interessadas em explorar o conflito como os vereadores José Bonifácio Gomes (PDS) — que atirou em um soldado da PM que protegia os índios — e Agostinho Araújo Rodrigues (PMDB). Se o barril explodir vai sobrar pólvora para todo mundo.

Alternativa

Caso os ministros a quem a questão Apinajé está afeta não encontram uma solução para o caso, a Procuradoria Geral da República poderá ser acionada para decidi-lo.

Durante todo o dia de ontem, após receber das mãos de Marabuto um relatório da antropóloga Maria Elisa Ladeira, da Companhia Vale do Rio Doce — responsável pela execução do projeto Ferro Carajás, financiado pelo Banco Mundial que exigiu a demarcação das terras, cedendo verba de 400 mil dólares para tal —, e do Ministério do Interior, Renato D'Almeida Leoni, Andreazza esteve com Venturini defendendo a posição da Funai.

Segundo fonte do Minter, o ministro se mostrou seguro de que não há dúvida quanto à reivindicação do órgão tutelar e advogou a causa e tempo todo, mas Venturini se mostrou sempre intransigente, chegando em alguns momentos a se desentenderem seriamente.

Ela acentuou que o temor manifestado por alguns indigenistas pelo fato de Andreazza ser coronel, o Venturini, general — uma patente a mais na hierarquia militar — não tem razão de ser pois, no caso, ambos são ministros em igualdade de condições para defenderem seu pensamento.

Tempo

O presidente da Funai encaminhou ontem à noite telegrama às lideranças Apinajé pedindo-lhes tempo, e afirmando que o ministro Andreazza continua a defender os seus interesses, mas que a decisão não cabe somente a ele. Marabuto espera ser atendido e diz estar confiante numa resolução favorável para hoje.



Os índios Apinajé insistem em manter obstruída a Transamazônica nas proximidades da aldeia

Situação fora de controle

Tocantinópolis — Mais de duzentos índios armados estão bloqueando, desde anteontem, a Transamazônica, no trecho que passa a 25 quilômetros da cidade de Tocantinópolis, no Norte de Goiás, enquanto pelo menos outros 400 guerreiros de várias tribos iniciaram a demarcação de 148,6 mil hectares de terras para os índios Apinajé, independente de qualquer negociação em Brasília para por fim ao conflito que envolve fazendeiros e posseiros da região.

A situação está fora de controle. Nem mesmo o cacique Txucarramae Raoni consegue esfriar os ânimos dos guerreiros dispostos a "lutar até morrer" pela posse da terra, em nome dos Apinajé. Momentos antes do

bloqueio da Transamazônica, Raoni havia dado a sua palavra ao capitão Martins, responsável pelo comando de 120 homens da Polícia Militar que formam uma barreira para separar as partes em conflito, de que os índios voltariam a aldeia São José.

A decisão de Raoni, partilhada pelos caciques das tribos Krenakarore, Xavantes e Terena, não agradou aos guerreiros em posição de combate na altura da estrada onde há uma entrada para a aldeia. Ao tentar negociar com os índios uma solução pacífica, o sertanista Claudio Romero, destacado pela Funai para a área, chegou a receber ameaças de morte, tendo o índio Romão se dirigido a ele afirmando que já sabia qual o sabor do "sangue de ci-

vilizado". Mesmo assim, Romero evitou que alguns índios descessem a estrada e iniciassem picadas, esvaziando os pneus do caminhão da Funai.

"Vamos depositar mais esse crédito em Marabuto, fechar a estrada não vai contribuir em nada, muito pelo contrário, se nada ficar definido amanhã (hoje) não estarei mais aqui para conversarmos", prometeu o capitão Martins ao convencer Raoni e a aceitar uma escolta policial até o povoado de Nazaré — a 32 km de Tocantinópolis, de onde se sentiam uma guerra aberta com os brancos. De Marabuto, Romero disse ter ouvido "mais promessas", enquanto Raoni sintetizava a situação dizendo-se incapaz de segurar o seu povo".

4468